

## LITERACIA CRÍTICA DIGITAL A PARTIR DE TRADUÇÕES AUTOMÁTICAS: EXPLORANDO VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM *THE COLOR PURPLE*

### Digital Critical Literacy through Machine Translation: Exploring Linguistic Variation in *The Color Purple*

Camila De Bona<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta uma sequência didática voltada à educação básica, que articula os temas da variação linguística, da literacia digital crítica e da tradução automática. A proposta centra-se na leitura e interpretação de um trecho do livro *A Cor Púrpura*, de Alice Walker, escrito em *African American Vernacular English* (AAVE), e a seguir traz uma análise de traduções desse trecho para a língua portuguesa realizadas por softwares de tradução automática disponíveis gratuitamente. A metodologia envolve uma comparação entre a gramática do inglês padrão (*standard English*) e as particularidades do AAVE e incentiva a reflexão crítica sobre escolhas de tradução e suas implicações. Como resultado, observa-se que a atividade permitiu aos estudantes identificar padrões linguísticos distintos, compreender a relevância sociocultural do AAVE e desenvolver habilidades de análise crítica em contextos digitais. Conclui-se que a integração de literatura, tradução automática e variação linguística em uma sequência didática contribui para a formação de leitores mais atentos às nuances da língua e às práticas discursivas de diferentes comunidades.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Literacia crítica digital. Traduções automáticas.

**Abstract:** This article presents a didactic sequence aimed at basic education, which articulates the themes of linguistic variation, digital critical literacy, and machine translation. The proposal focuses on reading and interpreting an excerpt from *The Color Purple* by Alice Walker, written in African American Vernacular English (AAVE), and presents an analysis of translations of this excerpt into Portuguese produced by freely available machine translation software. The methodology involves a comparison between the grammar of Standard English and the particularities of AAVE as a means to encourage critical reflection on translation choices and their implications. The activity allowed students to identify distinct linguistic patterns, understand the sociocultural relevance of AAVE, and develop critical analysis skills in digital contexts. The conclusion is that integrating literature, machine translation, and linguistic variation in a didactic sequence contributes to the development of readers who are more attentive to the nuances of language and the discursive practices of different communities.

**Keywords:** Linguistic Variation; Digital Critical Literacy; Machine Translation.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos da Linguagem. Professora do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) – Campus Novo Hamburgo. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5140-8026>. E-mail: [camilabona@ifsul.edu.br](mailto:camilabona@ifsul.edu.br).

## 1 Introdução

O livro *A Cor Púrpura* (1982), de Alice Walker, narra a história de Celie, uma menina abusada sexualmente pelo pai que é obrigada a se casar com Sinhô, um homem muito mais velho que só a quer para cuidar dos seus filhos e dos serviços domésticos. Celie tem uma irmã mais nova, Nettie, da qual sempre foi muito próxima, mas precisou se afastar porque Sinhô proíbe Nettie de frequentar sua casa. Nettie começa a trabalhar para uma família de missionários e se muda com eles para o continente africano, onde também atua como missionária e auxilia na educação das crianças de certas tribos. Os fatos são expostos por meio de cartas de Celie para Deus e para Nettie e, também de cartas escritas por Nettie para Celie. É por meio das cartas que identificamos questões muito caras na vida das duas irmãs e percebemos consideráveis diferenças nas experiências de vida de ambas, inclusive nas variações linguísticas evidenciadas pela escrita das irmãs: enquanto Celie *escreve como fala* e está inserida em um contexto de submissão feminina, Nettie já atua como professora e conta a Celie, em uma escrita mais próxima ao *standard English*, suas reflexões sobre a colonização africana, considerando suas leituras, seus estudos e suas experiências na África.

Esta obra clássica da literatura norte-americana é capaz de subsidiar discussões acerca de aspectos culturais das personagens daquele tempo/lugar, incluindo temáticas como: preconceito e intolerância; papéis de gênero; diversidade sexual; questões raciais; variação linguística; possibilidades de tradução, etc. Neste artigo, nosso foco de trabalho estará nas duas últimas temáticas.

Variação linguística e literacia digital crítica são dois temas já discutidos à exaustão entre professores e pesquisadores, nas escolas e nas universidades, com relevância e abrangência sociais reconhecidas. No entanto, parece que na sala de aula da educação básica essas são questões ainda pouco exploradas (Hanes, 2018; Oliveira; Giacomazzo, 2017). Este projeto tem por intuito diminuir, mesmo que modestamente, essa lacuna, ao apresentar uma sequência didática que explore: 1) leitura e interpretação de um trecho do livro *A Cor Púrpura*, de Alice Walker, escrito em African American Vernacular English (doravante AAVE); 2) análise de traduções deste trecho para a língua portuguesa, realizadas por softwares tradutores disponíveis gratuitamente na internet; 3) escuta e interpretação de um vídeo que aborda as particularidades linguísticas do AAVE/ e 4) proposta de pesquisa sobre outras variedades da língua inglesa.

O campus no qual esse trabalho foi desenvolvido faz parte do IFSul, uma instituição federal de ensino com 14 campus no estado do Rio Grande do Sul. Os campus do IFSul ofertam cursos de nível médio de áreas técnicas, cursos de graduação e pós-graduação, assim como cursos de curta duração de Formação Inicial e Continuada (FIC), além de realizar diversos projetos no âmbito do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. O Campus Novo Hamburgo do IFSul tem dois cursos regulares ofertados anualmente para a comunidade, quais sejam: Técnico em Mecatrônica e Técnico em Informática para a Internet. Este projeto foi realizado na disciplina de língua inglesa com os estudantes do Ensino Médio Integrado em Mecatrônica do campus – mais especificamente com as turmas de 2º ano, ou seja: jovens que têm idades entre 16 e 18 anos. A escolha por trabalhar com esse ano em específico é pelo fato de os estudantes já terem tido a oportunidade de estudar no Ensino Médio conteúdos pertinentes ao desenvolvimento do projeto.

Os cursos integrados dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia têm reconhecida qualidade na preparação dos seus estudantes, tanto no tocante à formação

profissional quanto à formação geral, habilitando-os simultaneamente para o trabalho e para avançar seus estudos em nível superior. Entretanto, essa formação integrada pressupõe um ajuste de carga horária da formação geral para que sejam incorporados os componentes curriculares da área técnica. Não raro, componentes curriculares da formação geral têm carga horária reduzida. Portanto, torna-se relevante a complementação de análises de obras literárias em um curso que visa incentivar a leitura crítica dos estudantes. Esse projeto tem como justificativa permitir aos estudantes que aprimorem suas habilidades linguísticas ao mesmo tempo em que se apropriam de análises críticas de uma obra clássica da literatura norte-americana, levando em consideração aspectos da variação linguística em língua inglesa e da literacia crítica digital.

O objetivo geral desta sequência didática, portanto, é promover a compreensão das particularidades linguísticas e culturais do African American Vernacular English (AAVE) através da leitura e análise de um trecho literário, das traduções automáticas desse trecho para o português e de um vídeo explicativo sobre o AAVE, de modo a incentivar a literacia crítica digital e desenvolver uma percepção crítica e sensível às variações linguísticas e às limitações das traduções automáticas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentaremos brevemente os referenciais teóricos pertinentes à temática aqui proposta; na seção 3, detalharemos os procedimentos metodológicos da sequência didática. Por fim, são expostas nossas reflexões sobre a experiência juntamente com as considerações finais.

## 2 Referencial Teórico

Como professora da disciplina de Língua Inglesa, apresento três referenciais importantes de minha pesquisa para este projeto, quais sejam: a) Shaheen, Qamar e Khan (2021), que abordam as especificidades do AAVE; b) Hanes (2018), que faz o mapeamento de abordagens ligadas às variações linguísticas no ensino de língua inglesa no Brasil; e c) Oliveira e Giacomazzo (2017), que tratam de literacia digital crítica e sua relação com educação e cidadania.

Em artigo publicado em 2021, intitulado “African American Vernacular English (AAVE) and African American Identity in Alice Walker’s *The Color Purple*: A Stylistic Analysis”, Shaheen, Qamar e Khan defendem que a expressão da identidade negra através do uso do AAVE, na obra *A Cor Púrpura*, é um tema que precisa ser explorado, tendo-se em vista que as cartas escritas por Celie não são escritas em inglês padrão: Celie escreve exatamente na língua que fala, qual seja: o Inglês Vernacular Afro-Americano. Este lhe confere uma identidade diante de todas as injustiças e dificuldades que enfrenta. Os autores argumentam que:

Celie, uma pessoa com pouca escolaridade, nunca tenta aprender nem utilizar o inglês padrão ao longo do romance. Nettie, por outro lado, uma mulher educada, prefere usar o inglês padrão. Walker apresenta Celie como um autêntico epítome da identidade afro-americana por sua adesão consistente ao uso do AAVE. Assim, é o uso da língua que ajuda Celie a moldar sua identidade e a se orgulhar de si mesma (Shaheen; Qamar; Khan, 2021, p. 604, tradução nossa).







de outra maneira. Em pouco tempo fico como se não pudesse pensar. A minha cabeça corre atrás duma ideia, fica confusa, corre para trás e parece que desiste. Tens a certeza que vale a pena? pergunto. Ela diz: Sim. Traz-me um monte de livros. Só há brancos neles, a falarem de maçãs e de cães. Que me importa os cães? penso eu (Walker, 1986, p. 115-116).

Apresentamos também a Tradução 2 para a obra citada:

Querida Nettie,  
Eu tô tão feliz. Eu tenho um amor. Eu tenho um trabalho. Eu tenho dinheiro, amigos e tempo. E você tá viva e logo vai voltar pra casa. Com nossas criança.  
Jerene e Darlene vieram pra me ajudar no negócio. Elas são gêmea. Nunca casaram. Adoram custurar. Depois, Darlene tá me ensinando a falar melhor. Ela falou que dizer A GENTE num é muito bom. Dá na cara que é caipira. Você fala A GENTE quando a maioria das pessoa fala NÓS, ela falou, e as pessoa pensam que você é boba. Os negro pensam que você é caipira e os branco acham graça.  
E que me importa? eu perguntei. Eu tô feliz.  
Mas ela falou que vou ficar mais feliz falando como ela fala. Nada pode me fazer mais feliz a num ser ver você outra vez, eu penso, mas num digo nada. Toda vez queu falo uma coisa do jeito queu falo, ela me corrige até queu diga de outro jeito. Logo eu sinto que num vou mais dar conta nem de pensar. Meu pensamento começa a pensar alguma coisa, fica confuso, aí volta e assim meio que disiste.  
Você acha mesmo que esse esforço vale a pena? eu perguntei.  
Ela falou, Vale. Ela me trouxe um punhado de livros. Tudo cheio de branco, falando de uva e de gato.  
E eu tô lá interessada em gato? eu penso (Walker, 2009, p. 251-252).

As questões de interpretação de texto utilizadas especificamente para fomentar a análise crítica das traduções foram as seguintes: 1. Que exemplo específico Darlene usa para explicar como a fala de Celie deveria mudar? 2. Qual regra gramatical sustenta a defesa de Darlene? 3. Com base no conteúdo da carta e no estilo de escrita de Celie, como você caracterizaria essa personagem? 4. Ao observar duas traduções desse trecho para o português, qual delas, em sua opinião, consegue transmitir uma imagem mais próxima de Celie? Por quê?

Darlene usa o exemplo do uso do pronome “us” no lugar de “we”. A correção se baseia na norma-padrão da língua inglesa, segundo a qual o pronome sujeito da primeira pessoa do plural deve ser “we”, e não “us” (que é pronome objeto). Assim, Darlene defende que Celie deve falar conforme o padrão gramatical aceito socialmente, evitando formas não padrão associadas a grupos marginalizados – no caso, o AAVE que Celie utiliza.

Tendo em vista que Celie é uma personagem de origem humilde, com pouca escolarização formal, que se expressa em AAVE, ao responder à questão 4 a maioria dos estudantes apontou que a tradução brasileira foi a que melhor conseguiu transmitir uma imagem mais próxima da personagem de Alice Walker. Durante a aula, foi discutido como o uso de uma variedade linguística associada a pessoas com menor escolaridade e pertencentes a camadas sociais menos favorecidas aproxima o texto da realidade sociocultural representada por Celie, o que reforça o caráter oral da narrativa original.

Por outro lado, os estudantes consideraram a tradução portuguesa excessivamente formal, destacando o uso frequente de ênclises e construções sintáticas típicas do português europeu, que lhes soaram distantes da forma de expressão da personagem. Essa percepção leva à discussão sobre como as diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal ultrapassam o nível lexical/gramatical e se estendem também ao plano sociolinguístico, afetando a recepção do texto.



Faz-se importante enfatizar a solução tradutória adotada para a frase “*You say Us where most folks say WE, she say, and peoples think you dumb.*” Na versão portuguesa, observa-se uma adaptação mais genérica: “Diz que falar assim é duma terra atrasada. Tu falas assim, diz ela, e as pessoas acham que és estúpida.” Já na versão brasileira, a tradução busca aproximar a fala de Celie da oralidade do português coloquial, utilizando variantes como “*nós*” e “*a gente*”: “Ela falou que dizer A GENTE num é muito bom. Dá na cara que é caipira. Você fala A GENTE quando a maioria das pessoa fala NÓS, ela falou, e as pessoa pensam que você é boba.” A escolha de “a gente”, embora de fato mais informal, está mais associada a uma variante inovadora, especialmente empregada por jovens, do que a uma variante estigmatizada relacionada a baixa escolaridade ou classe social:

Enquanto o “*nós*” ganha trejeitos de formalidade, “a gente” com concordância singular se esgueira entre diversos tipos de discurso, sem grande notoriedade ou estigma, mas também sem prestígio ou reconhecimento na tradição, a forma inovadora segue sumariamente conquistando mais espaço no português brasileiro. É possível inferir, devido a alta implementação na fala de falantes graduados e a falta de estigma na avaliação linguística e social constatados por esta pesquisa, um futuro em que a forma inovadora, já altamente implementada no português brasileiro, conquiste espaço entre os meios de educação formal e materiais didáticos [...] (Freitas; Carvalho, 2020, p. 141).

De modo geral, a atividade revelou o potencial das comparações tradutórias como ferramenta pedagógica para o ensino de leitura crítica e de variação linguística, estimulando os estudantes a reconhecer as dimensões ideológicas e culturais presentes nas escolhas tradutórias.

Por fim, abordamos a literacia crítica digital por meio da proposta de tradução do trecho em diferentes ferramentas de tradução automática, incluindo as baseadas em Inteligência Artificial (IA), para posterior comparação e discussão. A pergunta proposta aos estudantes foi a seguinte: Como essas ferramentas traduzem o texto como um todo e, mais especificamente, o exemplo de Darlene? Como você avaliaria a qualidade das traduções?

Os principais resultados apresentados pelos estudantes, por meio das versões gratuitas dos softwares disponíveis em 07/05/2025, foram os seguintes:

Quadro 1 – Traduções automáticas de trecho selecionado

Ferramenta	Tradução do original <i>You say Us where most folks say WE, she say, and peoples think you dumb.</i>
Google Tradutor	Você diz "Nós" enquanto a maioria das pessoas diz "NÓS", ela diz, e as pessoas acham você burra.
ChatGPT	Você diz "nós" onde a maioria diz "a gente", ela fala, e as pessoas acham que você é burra.
Google Gemini	Você fala "Nóis" onde a maioria fala "Nós", ela diz, e as pessoas pensam que você é burra.
DeepSeek	"Cê fala 'us' onde gente diz 'we'", ela fala, "e os povo acha que cê é burro.

Fonte: a autora (2025)

Faz-se importante destacar que muitos estudantes recorrem constantemente a tradutores digitais durante atividades de leitura e tradução. No entanto, por meio desta proposta, foi possível perceber de maneira prática as limitações dessas ferramentas. Ao testar o Google Tradutor com o trecho apresentado no Quadro 1, os estudantes observaram que a ferramenta





*the form of the English language widely accepted as the usual correct form.  
“children often use native forms at home and speak standard English at school”*

Considerando que aprendemos inglês padrão em nossas aulas regulares de inglês na escola, complete o quadro abaixo com exemplos correspondentes do AAVE em inglês padrão. O primeiro já foi preenchido para você.

O Quadro 2 apresenta a atividade de comparação entre AAVE e Inglês Padrão:

Quadro 2 – Comparação entre AAVE e Inglês Padrão

AAVE Example	Standard English	Grammatical Differences
They twins	<i>They are twins</i>	O AAVE frequentemente omite o verbo "to be" nas frases.
Darlene trying to teach me		O AAVE pode omitir o verbo "to be" na formação do tempo contínuo.
Peoples think		Algumas palavras que são irregulares no inglês padrão podem receber plural regular no AAVE.
White folks be amuse		O uso do verbo "be" em AAVE pode indicar uma ação habitual ou recorrente.
What I care?		O AAVE pode omitir o auxiliar "do" em perguntas.
I ast		Simplificação fonológica, em que o passado simples de "ask" se torna "ast".
I feel more happier		O uso de dupla comparação ("more happier") em AAVE.
I don't say nothing		Uso de dupla negação em AAVE, que é gramaticalmente correto nessa variedade, mas considerado incorreto no Standard English.
She say / She correct / It feel		O AAVE pode usar a forma base do verbo no presente para todas as pessoas.

Fonte: a autora (2025)

Para finalizar a aula, com base nas atividades propostas, foi feito o seguinte questionamento aos estudantes: ao reconsiderar os exemplos de AAVE no trecho do livro *The Color Purple*, podemos afirmar que essas frases estão incorretas ou existe uma gramática própria que deve ser respeitada no AAVE? Justifique.

Essa etapa da sequência didática teve como foco a compreensão de que o AAVE constitui um sistema linguístico legítimo, com regras gramaticais próprias, e não um “inglês incorreto”. Assim, ao invés de corrigirem o trecho em AAVE, os estudantes foram incentivados a analisar e comparar as duas variedades linguísticas, desenvolvendo uma postura de respeito à diversidade linguística. De modo geral, a atividade possibilitou que os estudantes trabalhassem com o conceito de variação linguística sem priorizar o *Standard English*. A proposta também estimulou o pensamento crítico sobre questões de língua, poder e preconceito linguístico,

alinhando-se a uma perspectiva de ensino voltada à valorização da diversidade e à formação cidadã.

### 3.3 Aula 3: *Research*

Objetivos:

- a) Incentivar os alunos a realizar uma pesquisa sobre outras variedades da língua inglesa, como o Cockney, o Spanglish ou o Singapore English, entre outras;
- b) Promover a apresentação dos resultados da pesquisa em sala de aula, destacando as diferenças e semelhanças encontradas e a maneira como essas variações refletem aspectos culturais e históricos das comunidades falantes.

Nesta última aula, os estudantes fizeram pesquisas sobre outras variedades da língua inglesa e prepararam suas apresentações. A finalização da sequência didática aconteceu na semana seguinte, com o compartilhamento dos resultados pelos grupos. Do ponto de vista docente, essa atividade demonstrou grande potencial formativo, pois os estudantes se mostraram engajados e curiosos ao perceber que o inglês não se restringe a uma única norma, mas se manifesta de diferentes formas ao redor do mundo. As apresentações revelaram um olhar mais sensível às questões de identidade linguística e de pertencimento cultural.

## 4 Considerações Finais

A sequência didática apresentada buscou explorar a variação linguística e a literacia digital crítica em duas turmas de Ensino Médio Integrado em Mecatrônica do câmpus Novo Hamburgo do IFSul, utilizando uma sequência didática baseada em *The Color Purple* e nas traduções automáticas de trechos em African American Vernacular English (AAVE). Observou-se que os estudantes puderam perceber que certas formas linguísticas não são simplesmente “incorretas”, mas refletem padrões próprios ligados a contextos socioculturais específicos. A análise das traduções automáticas destacou a complexidade de lidar com variações linguísticas e evidenciou de que maneira escolhas de tradução podem influenciar a representação de diferentes realidades sociais. Além disso, a leitura literária funcionou como um recurso importante para fomentar reflexão crítica sobre língua e variação.

Muitos estudantes confiam de forma praticamente irrestrita em tradutores digitais e recorrem frequentemente a essas ferramentas. Após a experiência desta aula, é possível que passem a repensar esse uso, analisando as escolhas linguísticas apresentadas de forma mais consciente. Os resultados positivos desta sequência didática manifestaram-se especialmente na ampliação da consciência linguística ao promover o reconhecimento do African American Vernacular English como uma variedade legítima do inglês, com regras próprias e valor cultural. A atividade também contribuiu para o desenvolvimento de uma postura mais crítica diante das tecnologias de tradução, estimulando a reflexão sobre seus limites e potencialidades. Embora o projeto tenha apresentado limitações – já que, em turmas com cerca de 30 estudantes, as discussões mais profundas parecem envolver apenas parte do grupo –, a experiência demonstrou que a integração entre literatura, análise linguística e tecnologias digitais pode

favorecer o desenvolvimento de habilidades críticas e aproximar os alunos de debates linguísticos e culturais ainda pouco explorados no contexto escolar.

### Agradecimento

A primeira versão desta proposta, composta apenas pela sequência didática, constituiu o produto final do curso de Especialização em Educação Bilíngue e Cognição (IENH), desenvolvido sob a orientação da professora Ingrid Finger. Agradeço à docente pelas contribuições teóricas e metodológicas.

### Referências

FREITAS, Maylle Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Quem somos “nós” e quem é “a gente?”: Uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. *In*: VIANA, R. B. M.; RODRIGUES, L. S.; PONTES, V. O.; CARVALHO, H. M. (org.). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 124-142.

HANES, Vanessa Lopes Lourenço. Breve mapeamento da abordagem das variações linguísticas no ensino da língua inglesa no Brasil. **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 18, n. 1, p. 65-80, 1º sem. 2018.

OLIVEIRA, Michele Mezari; GIACOMAZZO, Graziela Fatima. Educação e cidadania: perspectivas da literacia digital crítica. **EccoS: Revista Científica**, São Paulo, n. 43, p. 153-174, maio/ago. 2017.

SHAHEEN, A.; QAMAR, S.; KHAN, M. A. African American Vernacular English (AAVE) and African American Identity in Alice Walker’s *The Color Purple*: A Stylistic Analysis. **Pakistan Languages and Humanities Review**, v. 5, n. 2, p. 602-625, jul./dez. 2021.

WALKER, Alice. **The Color Purple**. New York: Pocket Books, 1985. p. 215. (Kindle Version)

WALKER, A. **A cor púrpura**. Tradução: Paula Reis. Lisboa: Editorial Teorema, 1986.

WALKER, Alice. **A Cor púrpura**. Tradução de Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. p. 251-252.

Recebido em setembro de 2025

Aprovado em outubro de 2025